

# ***Bakhtin e o espelho: um esboço sobre a alteridade pelo viés da autocontemplação***

## ***Bakhtin and mirror: an outline of alterity from the perspective of self-contemplation***

Igor José Siquieri Savenhago\*

A proposta deste trabalho é dialogar com alguns dos principais conceitos da teoria de Mikhail Bakhtin tendo, como pano de fundo, textos que fazem referência aos espelhos como representação da relação eu-outro, do dialogismo que marca a interação entre um ser humano com outro ser humano e dos seres humanos com o mundo. E demonstrar que a imagem refletida no espelho é uma construção social. A reflexão será feita a partir de três textos do escritor Frei Betto: uma crítica autobiográfica, “Por que escrevo”, e dois contos: “O hóspede” e “Egg”.

*The purpose of this work is to discuss some of the key concepts of the theory of Mikhail Bakhtin, using texts which refer to mirrors as a representation of the self-other relation, of the notion of dialogism, which characterizes the interaction between a human being with another and human beings with the world. The paper also discusses that the reflected image in the mirror is a social construction. The discussion is based on three texts by the writer Frei Betto: “Why I write”, “The guest” and “Egg”.*

Palavras-chave: Alteridade. Espelho. Dialogismo. Interação.

*Key words: Alterity. Mirror. Dialogism. Interaction.*

### ***A autocontemplação***

Em suas abordagens sobre o ato da autocontemplação, Mikhail Bakhtin (1997b) e os pesquisadores de seu Círculo de pesquisa afirmam que, ao se olhar no espelho, todo homem se enxerga como os outros o veem, já que o que ele vê num espelho não é a si próprio, mas um reflexo. E como é impossível ver-se no todo do seu exterior, o homem projeta, no próprio corpo e nos próprios olhos que miram o espelho, o corpo e a visão de um outro e passa a julgar a imagem segundo os critérios estabelecidos por meio da relação com o mundo de quem contempla o reflexo. Nesse sentido, para Bakhtin e seu Círculo, nunca se está sozinho frente ao espelho. Há sempre outro participante envolvido no ato da autocontemplação. Portanto, olhar-se no espelho é ver-se a si mesmo, ou a seu reflexo, com os olhos dos outros. É servir-se como uma moradia, estar “habitado” pelo conjunto das relações que foram estabelecidas ao longo da vida e que

\* Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), na Linha de Pesquisa em Linguagens, Comunicação e Ciência, com bolsa CAPES. Email: tatigor.sav@gmail.com

determinam a maneira como o mundo será visto, analisado e usufruído.

No mundo pós-moderno, o espelho assumiu um papel importante, como um auxiliar na construção da imagem de um ser humano que, a toda hora, se relaciona com o que está à sua volta - homens, animais ou objetos -; que usa o espelho para se vestir, fazer um novo penteado, abusar da maquiagem, que, dessa forma, espera obter a aprovação do grupo social em que está inserido ou pretende se inserir e que, ao mesmo tempo, esforça-se para que os outros notem, percebam a impressão que deseja passar, a de alguém que se preocupa com a aparência. Ou, então, que se despenteia, deixa a barba crescer, veste uma calça rasgada e desbotada e chinelos para constituir nos outros uma imagem de contestador. O espelho é, nesse contexto, uma forma que o ser humano tem de tentar não perder o controle na relação com o outro, de apreender, de não deixar escapar o que será apresentado a um interlocutor. Em algumas situações, pessoas que estão prestes a falar em público “treinam” a postura e ensaiam, em voz alta, frente a espelhos, as palavras que irão utilizar. Imaginam como o público receberá o seu dizer e procuram se comportar, já diante do espelho, de acordo com o que imaginaram, ou seja, antevêm o comportamento do público.

### ***Alteridade e ideologia***

Antes de abordar a questão da alteridade permeada por espelhos, como propõe este estudo, é necessário tecer algumas considerações fundamentais sobre a questão da autoria das obras produzidas pelo Círculo de pesquisa de Bakhtin.

Faraco (2009) lembra, por exemplo, que existem dúvidas, até hoje, sobre algumas obras que, posteriormente, foram atribuídas ao próprio Bakhtin, mas que, originalmente, foram assinadas por outros dois filósofos do Círculo: Valentin N. Volochinov e Pavel N. Medvedev. São elas: *Freudismo, Marxismo e Filosofia da Linguagem e O método formal nos estudos literários*. As duas primeiras foram publicadas sob a autoria de Volochinov e a última, de Medvedev.

Em 1970, porém, o linguista Viatcheslav V. Ivanov atribuiu, sem argumentos plausíveis, de acordo com Faraco (2009), a autoria dos referidos textos a Mikhail Bakhtin, o que provocou, a partir daí, dúvidas na academia quanto à autoria das obras. Em função disso, formaram-se, nos últimos anos, três correntes de pesquisadores, que encaram os livros escritos por Bakhtin e seu Círculo de forma diferente. A primeira considera como sendo de Bakhtin apenas os textos efetivamente assinados por ele; a segunda atribui a Bakhtin todos os textos mencionados acima e a terceira admite uma autoria dividida entre Bakhtin e Volochinov e entre Bakhtin e Medvedev.

Para efeito deste artigo, iremos adotar essa terceira corrente, pelo motivo a saber: como o espelho, na proposta deste estudo, é tomado como representação das relações sociais e como Bakhtin e seu Círculo consideram essas relações como dialógicas, já que

entendem o humano, essencialmente, como um produtor de textos que são postos em jogo no social, uma obra escrita no contexto de um círculo de pesquisa, por mais que traga uma visão preponderante de determinado autor, carrega um conjunto de diálogos, escritos formulados nas discussões, no intercâmbio de sentidos promovidos nas conversas e no próprio ato da pesquisa.

Morson & Caryl (2008) complementam essa visão na obra “Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística”. Os autores defendem que a compreensão do pensamento bakhtiniano não passa, somente, por Bakhtin enquanto indivíduo, mas pelo Bakhtin que se fez, que se constituiu por meio da convivência com um conjunto de outros intelectuais pensadores. Talvez pudesse ser uma estratégia do próprio Bakhtin escrever sob pseudônimos para produzir nos interlocutores a impressão de que não é possível, quando se trata de linguagem, separar o eu do outro, que o eu é resultado de uma mistura de outros, dialogando a todo tempo.

Sendo assim, passamos a buscar uma compreensão dessa relação eu-outro, que é possível, segundo Bakhtin/Volochinov (1997c, p. 35), apenas por meio de signos ideológicos.

*A palavra é o fenômeno ideológico por excelência [grifo do autor]. A realidade de toda a palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.*

Ainda segundo o(s) autor(es), a palavra serve como uma ponte entre um ser falante e outro ser falante. É através da palavra que uma relação com o outro é possível. Antes de nascermos, já somos recobertos de palavras. Somos falados, comentados, discutidos, aguardados ansiosamente por meio de palavras. Os amigos e vizinhos dos nossos pais tentam adivinhar se o bebê que está para chegar será menino ou menina, com quem será mais parecido, apostam qual será a primeira palavra que a criança vai falar. A palavra, portanto, é o meio mais rápido de se estabelecer contatos. Mas, para Bakhtin/Volochinov, a palavra está recheada com conteúdos ideológicos. A cada situação diferente, a cada contexto diferente, uma mesma palavra pode ganhar um sentido diferente, dependendo da orientação ideológica do grupo que a utiliza. Isso pode ser observado na passagem abaixo (1997c, p. 46), contida no capítulo “A relação entre a Infraestrutura e as Superestruturas”, o segundo de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*:

*Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Consequentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditório [grifo do autor]. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço de maior importância. Na verdade,*

é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá, infalivelmente, debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudo dos filólogos e não será mais um instrumento racional vivo pra a sociedade. A memória da história da humanidade está cheia destes signos ideológicos defuntos, incapazes de constituir uma arena para o confronto dos valores sociais vivos. Somente na medida em que o filólogo e o historiador conservam a sua memória é que subsistem ainda neles alguns lampejos de vida. Mas aquilo mesmo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de refração e deformação do ser.

A palavra, por si só, é neutra, mas quando colocada em circulação na sociedade é dinâmica, muda de sentido sempre quando é utilizada. Um sentido aparente é posto em xeque quando entra em contato com determinados grupos sociais.

As relações por meio da linguagem, para Bakhtin/Volochinov, são feitas, portanto, de signos, que têm como característica serem carregados de ideologia. Quando uma palavra é dita, ela não é igual a si mesma. Pelo contrário. Leva junto todas as maneiras como já foi utilizada, reutilizada, redefinida pela sociedade. Carrega uma carga ideológica. É por isso que Bakhtin/Volochinov (1997c, p. 95) afirma(m), no capítulo V da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, intitulado “Língua, Fala e Enunciação”, que, numa conversa, não ouvimos palavras, mas, sim, “verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis”. As palavras são depósitos dos valores que atribuímos a elas. Por isso, transformam-se em signos.

Bakhtin/Volochinov (1997c, p. 41) complementa(m) esta reflexão:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mas efêmeras das mudanças sociais.

Por mais que tente, o homem, nesse jogo de mudanças sociais provocadas pelas palavras, ou melhor, pela ideologia dos signos, não consegue controlar os sentidos. Mesmo que perca tempo no espelho ajustando-se para que todos os outros o vejam e falem dele da mesma forma, não domina totalmente as consequências de sua apresentação (ou representação), não controla, em todas as suas possibilidades, a maneira

como será recebido pelo outro. O espectador enxergará ou ouvirá uma informação mediante o conhecimento de mundo que possui. Uma derrota do seu time pode deixar um corintiano triste o dia todo e não provocar o mínimo efeito no cineasta que não gosta de futebol. Por isso, o outro é peça tão fundamental quanto o eu num jogo de linguagem. O sentido não depende somente da intenção de quem fala, mas, também, do repertório de quem recebe. Com isso, os sentidos se multiplicam, tornando a língua viva, e fazendo com que tudo esteja em diálogo com tudo. Enunciar algo poderia ser entendido como perder o controle dos sentidos que serão produzidos. Quanto mais gente ouve ou lê um enunciado qualquer, mais interpretações serão feitas e mais outros novos enunciados serão postos no jogo das relações eu-outro.

Para Bakhtin/Volochinov (1997c), porém, o dialogismo não está presente apenas externamente, mas também internamente. O ser humano dialoga com ele mesmo, por meio da consciência. Para elaborar um enunciado, põe em confronto, no pensamento, signos diferentes, conteúdos ideológicos divergentes, revisita o passado, ressignificando fatos que ficaram marcados por uma rede de memória, projeta o futuro, tentando entender quais serão as consequências de sua fala ou escrita, enfim, promove um diálogo interno antes de entrar no jogo do diálogo externo, com o mundo. Esse diálogo interno também é feito por meio de signos. Portanto, para Bakhtin/Volochinov, o conteúdo da consciência e a fala são *sociais* [grifo nosso]. A todo momento, o eu constitui o outro e o outro constitui o eu. O teórico refuta a teoria de que a enunciação é um ato individual. Ela é produto da teia de relações estabelecidas ao longo da vida.

Segundo Miotello (2005, p. 178),

O meio social envolve, então, por completo o indivíduo. O sujeito é uma função das forças sociais. O eu individualizado e biográfico é quebrado pela função do *outro social* [grifo do autor]. Os índices de valor, adequados a cada nova situação social, negociados nas relações interpessoais, preenchem por completo as relações Homem x Mundo e as relações Eu x Outro.

Como já foi mencionado, antes de nascermos, já somos revestidos com signos. Ao mesmo tempo, começamos a constituir quem está a nossa volta, mesmo que desprovidos de palavras. Pelo choro, avisamos que estamos com fome. Pelo riso, que gostamos da comida. Aos poucos, a convivência com os falantes nos permite pronunciar as primeiras palavras, que vão sendo adesivadas com a ideologia da família. Na escola, os amigos e os professores tentam moldar a nossa consciência com novos sentidos. E nossa mente vai juntando todos esses pedacinhos ideológicos, recortes que formarão nossa identidade. Passamos a ser únicos, diferente de todos os outros seres humanos. Para Bakhtin/Volochinov (1997c, p. 34), isso mostra que é o outro quem me constitui como diferente. É o olhar do outro que me faz ser único. Único, mas social. Sem o outro, o ser não poderia evoluir.

Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico.

Segundo Faraco (2005, p. 43), toda essa reflexão “tem como pano de fundo o pressuposto (...) da alteridade, no sentido de que tenho que passar pela consciência do outro para me constituir (ou, num vocabulário mais hegeliano, o eu-para-mim se constrói a partir do eu-para-os-outros)”.

Dessa forma, toda enunciação se torna, sempre, uma resposta. Quem enuncia precisa imaginar quem é o interlocutor, como ele se comporta, de que forma irá receber o enunciado. Só assim poderá tentar responder às expectativas o mais próximo possível desse interlocutor, de forma que os sentidos não escapem completamente do controle de quem enuncia.

### *Frei Betto e o espelho*

Neste trabalho, busca-se analisar como o escritor Frei Betto construiu enunciados relacionados com a teoria bakhtiniana, sobre o confronto eu-outro, utilizando a figura do espelho. O primeiro texto, uma crítica autobiográfica intitulada “Por que escrevo”, é uma tentativa do autor de explicar as razões que o levaram a se tornar escritor. Depois de relatar, no primeiro parágrafo, que vai listar várias hipóteses, não excludentes, para tentar descobrir por que escolheu o caminho das letras como ofício, cita, logo em seguida, no parágrafo seguinte e no terceiro, a figura do espelho [os grifos são nossos].

*Escrevo para construir minha própria identidade. Tivesse sido criado por lobos, será que eu me sentiria lobo no mundo? A identidade é também reflexo de um jogo de **espelhos**. Se pais e mestres me tivessem inculcado que sou tapado para as letras, e não me restasse alternativa senão trabalhar no fundo de minas, talvez hoje – se houvesse sobrevivido – eu fosse um mineiro aposentado.*

*Minha experiência, porém, foi diferente. Os **espelhos** reluziram em outras direções. Já trazia em mim o fator filogenético. Meu pai escreve crônicas. Minha mãe publicou sete livros de culinária. O gato da casa não escreve; mas, pelo jeito, gosta de ler, a julgar pelo modo como se enrosca em jornais e revistas.*

Betto atribui aos espelhos uma metáfora das relações sociais – com pais e professores - que ele considera fundamentais para explicar como tomou gosto pela

escrita. Espelho, neste recorte, aparece como sinônimo de interação, da importância do outro na constituição da identidade do autor. A identidade de quem escreve o texto foi construída com base em espelhos que refletiram valores positivos, como o amor pela leitura. Através desses espelhos, foi possível constituir uma carga ideológica para, a partir da literatura, relacionar-se com os outros. Betto admite a importância da interação social para a constituição da identidade. Ao questionar se, na possibilidade de ter sido criado por lobos também seria um lobo, o autor reconhece que a linguagem determina o homem como um ser humano. É a verbalização do conteúdo da consciência que o torna diferente dos outros elementos do mundo, como os animais. Dessa forma, Betto concorda que a linguagem é social e não individual. Sua raiz não é a consciência, mas as relações. São as relações sociais que determinam a consciência. O mundo entra na consciência pela linguagem, pelo signo, e, dessa forma, a consciência pode expressar seu conteúdo também através dos signos. Se Betto tivesse sido criado entre lobos, portanto, poderia ser um exímio caçador, mas é improvável que conseguisse falar e dominar a escrita.

Num recorte posterior, o espelho volta a aparecer no texto de Betto:

*O texto se fazia **espelho** [grifo nosso] e eu via meu próprio rosto no lugar do perfil anônimo do autor. Mais do que o conteúdo, encantavam-me a sintaxe, o modo de construir uma oração, a força dos verbos, a riqueza das expressões, a magia de encontrar o vocábulo certo para o lugar exato.*

Aqui, o espelho aparece com outro sentido em relação ao recorte anterior. Antes, o espelho foi apresentado como sinônimo de pessoas – pais, professores. Agora, substitui os textos que leu ao longo da infância e passou a admirar, que serviram de estímulo para que começasse a escrever. No final do parágrafo, Betto ressalta uma das características do homem enquanto um ser que faz parte de jogos de linguagem: a de fazer escolhas. A partir do momento em que se torna escritor, escolha que fez com base nas influências que recebeu quando criança, descarta outras profissões, exclui outras possibilidades. Encontrar o vocábulo certo para o lugar exato parece significar optar por um em detrimento de outro. E, em função disso, não é possível ao ser humano ser completo. Ele não consegue reunir, em torno de si, pela linguagem, todas as possibilidades que se apresentam à sua frente. Escolhe algumas dessas possibilidades e passa a buscar as restantes, o seu possível complemento, nos outros. Esse processo de busca se dá pela vida toda e só é interrompido, segundo Bakhtin e seu Círculo, pela morte.

Essa incompletude é acentuada pelas relações de poder que interferem na relação com o outro. Para Bakhtin e seu Círculo, o contato com o interlocutor é assimétrico. Um exerce poder sobre o outro, mas em proporções que estão de acordo com a legitimação dada à voz que enuncia. Um Presidente da República, por exemplo, tem a autoridade reconhecida pelo contexto social para falar da queda do dólar ou de programas de

combate à fome. Essa legitimação vai diminuindo à medida que quem enuncia é um estudante recém-formado em economia ou um mendigo. As relações de poder são determinantes na construção dos sentidos. Legitimar a voz da sociedade da moda, que dita regras de comportamento e medidas ideais para o corpo, pode fazer com que uma mulher enxergue sua imagem de forma distorcida no espelho. É magra, mas enxerga-se gorda.

Frente aos valores ideológicos, Frei Betto demonstra, no decorrer do texto, acreditar na impossibilidade de controlar os sentidos daquilo que escreve, como em: “uma vez publicado, o texto já não me pertence. É como um filho que atingiu a maturidade e saiu de casa. Já não tenho domínio sobre ele. Ao contrário, são os leitores que passam a ter domínio sobre o autor”. Ou então: “A palavra lavra e semeia, mas seus frutos nunca são inteiramente palatáveis. Polissêmico, verbo é mistério”. E ainda: “Todo texto, entretanto, depende do contexto. Por isso, dois leitores têm diferentes apreciações do mesmo livro. Cada um lê a partir do seu contexto. A cabeça pensa onde os pés pisam”. Um livro relido, revisitado, rediscutido já não é, pois, o mesmo livro. As releituras e ressignificações modificam a obra.

O dialogismo das discussões sobre uma obra, das conversas cotidianas, de botequim, é que sustenta a produção de um texto, seja falado, escrito ou apresentado sob qualquer outra forma. A todo momento, no relato de Frei Betto, a fala do outro aparece, seja delimitada por aspas ou não. Mesmo que não esteja escancarada, faz circular novos sentidos quando retomada. Em “Por que escrevo”, Frei Betto invoca as vozes do filósofo Descartes, do linguista Roland Barthes (com o uso da expressão “Bartheanamente”), dos pais e de professores que ajudaram na constituição da consciência do escritor e foram trazidos para o texto. Betto, no entanto, introduz na escrita apenas as passagens que considera mais importantes da infância para explicar a escolha do ofício de escritor. Ao escrever, então, o autor não só reflete a realidade, mas também a refrata, ou seja, distorce, ressignifica, dá outros sentidos, provoca o interlocutor, promove o surgimento de outros diálogos. Segundo Faraco (2005, p. 39),

O autor-criador é, assim, quem dá forma ao conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida (ele não é um estenógrafo desses eventos), mas, a partir de uma certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente. (...) O autor-criador é, assim, uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recorta e se reordena esteticamente os eventos da vida.

Uma das características da enunciação por meio do texto escrito é que deve haver, segundo Bakhtin e seu Círculo, um distanciamento, seja do autor com seu personagem ou do autor com as lembranças do passado – no caso de um texto de caráter autobiográfico –, para que ele possa enxergar o desenrolar da escrita de uma

posição externa, como se estivesse fora daquilo que está produzindo. É necessário ter um excedente de visão e conhecimento, uma capacidade de perceber, como se fosse capaz de arrancar os próprios olhos e voltá-los para si mesmo, os rumos que o “ofício têxtil”, expressão usada por Betto em “Por que escrevo”, está tomando.

Assim, todo texto autobiográfico assume uma função semelhante à de um espelho: quem se autocontempla, seja por meio do espelho ou do texto autobiográfico, está habitado pela visão de um outro (ou outros). É justamente por meio do olhar desse(s) outro(s), que pode ser caracterizado como o olhar de um outro-eu, que o ato da autocontemplação é possível. Num espelho, o objeto contemplado é o reflexo. O olhar contemplador está na consciência, constituída nas relações com o(s) outro(s). E o distanciamento entre o olhar e o objeto é físico, pode ser medido numericamente. De forma análoga, num texto autobiográfico, o objeto contemplado é o próprio autor, mas num momento passado. O olhar contemplador é o autor do hoje. A diferença é que o distanciamento entre o eu (no nosso caso específico, o Frei Betto escritor) e o outro (Frei Betto de anos atrás, aluno e filho de escritores) é temporal (ontem-hoje), o que permite ao autor se reconhecer como alguém constituído ideológica e historicamente.

Retomando a abordagem que Bakhtin e seu Círculo fazem sobre o ato da autocontemplação (1997b), citada no início deste artigo, de que olhar-se no espelho é estar habitado pelo conjunto de relações estabelecidas ao longo da vida e que determinam a maneira como o mundo será visto, a análise que o Frei Betto do hoje faz sobre o Frei Betto do passado procura reconstruir, justamente, a formação da visão do escritor, que foi acontecendo com o passar do tempo, demonstrando que o eu constitui o outro e vice-versa. Foi possível tornar-se escritor por causa das influências recebidas no passado. Ao mesmo tempo, é pelo fato de ter-se tornado escritor que Frei Betto consegue se referir ao passado utilizando o seu ofício – a escrita.

Análise semelhante pode ser feita quando se está diante do espelho. Se é o conjunto de relações sociais que constitui a consciência humana, é a consciência que molda a imagem refletida no espelho de forma que ela seja aceita, que se insira nas relações dos grupos sociais a que deseja pertencer.

A partir dessas colocações, passamos a analisar dois contos de Frei Betto que trazem a figura do espelho para analisar a questão da alteridade. Eles são parte da obra “Treze contos diabólicos e um angélico” (2005).

Em “O hóspede” (BETTO, 2005, p. 17-24), a figura do espelho denuncia que o personagem que narra o conto está diretamente em contato com o outro – no caso, o demônio. O conto começa com o narrador dizendo que seu consolo é morar sozinho. Ele prefere evitar o contato com o mundo e com outras pessoas. Mas não consegue. Primeiro, sente-se incomodado pelas baratas. Depois, percebe que as baratas sumiram, mas o exterminador delas foi algo bem mais asqueroso, o demônio, que passou a morar na casa. É nesse momento que começa um jogo em que é possível perceber o papel de um na constituição do outro. O demônio passa a reproduzir características do narrador,

como apresentar-se como um bom moço, com cortesia e discrição. “Esperei que ele aprontasse as piores diabruras. Que nada! Silente, restringia-se a imitar-me” (BETTO, 2005, p. 21), afirma o narrador-personagem. Ele chega a dizer que, num primeiro momento, o contato com o outro incomoda, mas, aos poucos, desperta um processo de identificação em ambos, seja por concordar com o que o outro diz ou mesmo por discordar. Discordando, é possível identificar-se com o que é contrário. “Como todos sabem, a solidão é um estado de insegurança, refúgio de si em face dos olhos do outro. A princípio, a presença de alguém incomoda a nós misantropos, mas a persistência do forasteiro se nos acaba por desatar bons sentimentos” (BETTO, 2005, p. 21), afirma, posteriormente.

O conto também mostra como a construção dos sentidos depende dos outros, do conhecimento de mundo de cada um e do contexto em que uma enunciação está inserida. Uma das vizinhas, Zoraida, enxerga o demônio como uma bela dama, noiva do narrador-personagem. Outra vizinha, Cacilda, confunde o demônio com o jardineiro da casa. Procópio, vizinho de frente, vê naquela figura horrenda um jovem “de musculosa robustez”. O narrador, diante disso, quer saber se o demônio está se disfarçando para se apresentar à vizinhança. E recebe como resposta: “Sou o reflexo da alma das pessoas” (BETTO, 2005, p. 23), lembrando que o conhecimento de mundo do outro é fundamental nas relações através da linguagem.

O ápice do conto ocorre quando o hóspede diz que características tidas como demoníacas, como orgulho, vaidade, luxúria estão presentes entre os humanos e influenciam no bom funcionamento da sociedade. O narrador, que antes negava o contato com os outros, dá-se conta, então, de que está sendo constituído também pelo demônio, interiorizando e, posteriormente, exteriorizando características trazidas pela convivência. É através do espelho que o narrador percebe que seus pés parecem patas equestres e que suas pernas assemelham-se a troncos cabeludos. Está com as feições do demônio. A sensação é de espanto, típica do primeiro contato com o outro. Apesar de estar vendo a própria imagem no espelho, o estranhamento ocorre porque, como já foi abordado neste trabalho, o que olha para a imagem são os olhos de um outro. Além disso, é a primeira vez que o corpo do narrador, refletido no espelho, está impregnado com feições do demônio, com as quais ele não está habituado. Essas características do outro se encontram com aquelas que o narrador já possuía e que foram resultado de outras relações. Como resultado, produzem um novo ser, que olha para o mundo de um jeito diferente, fazendo surgir novos sentidos. O espelho é usado como uma metáfora para explicar a constituição do eu (narrador) pelo outro (demônio, vizinhos) e vice-versa.

No último conto escolhido para a análise, “Egg” (BETTO, 2005, p. 57-63), o espelho também é um signo recorrente. E a relação com o outro também. O início do conto já revela que o tema a ser debatido será a alteridade.

*Numa tarde de verão, ao respirar o hálito salgado do mar, Egg viu o Outro erguer-se da água, belo como um filho de Netuno. Os cabelos eram finas algas, a pele oleosa, o corpo dourado e, os olhos, duas pérolas.*

*Embevecido, Egg caminhou lentamente em direção ao Outro, revelando na incerteza dos passos o receio de se tratar de miragem. Nas gotas que cobriam o corpo do Outro, Egg viu brilhar a própria imagem. No reflexo dos olhos do Outro, contemplou a si mesmo.*

*No Outro, Egg via apenas a si mesmo. Era incapaz de perceber se o Outro estendia-lhe as mãos ou fechava-lhe os punhos. Ali, Egg se admirava como o mais belo dos seres. (BETTO, 2005, p. 59).*

Admirado, narcisicamente<sup>1</sup>, pela própria beleza, Egg começou a se olhar em espelhos. Como conseguia ver somente a imagem do rosto, arranjou espelhos maiores, para se ver de corpo inteiro. Mas não foi suficiente. Egg queria olhar sua imagem em todas as direções: de costas, de cima para baixo, de baixo para cima. Até que recobriu um grande salão todo com espelhos. Do teto ao chão. E passou a se contemplar “de todas as maneiras e todos os ângulos”. (BETTO, 2005, p. 61).

Extasiado com a própria imagem, Egg cortou completamente as relações com outras pessoas e elementos do mundo. Tinha olhos, apenas, para os espelhos e, através deles, passou a adorar exclusivamente a si próprio. Até que ocorreu um fenômeno inesperado. Os espelhos começaram a marchar e a se dobrar sobre Egg, de forma que a própria beleza do personagem o sufocasse. Abafado, Egg tentou gritar por alguém, mas não foi ouvido. Tinha rompido os laços com o mundo. “Egg recordou, por um segundo, do tempo em que era capaz de ver o outro no outro. Mas isso havia sido há muito tempo e, agora, nenhuma esperança restava” (BETTO, 2005, p. 62). Com a pele toda rasgada e a carne penetrada pelos estilhaços do espelho, Egg, que se havia convencido de ter-se tornado imortal, percebeu que teria de carregar, “por toda a eternidade, o peso insuportável do próprio Eu”, agora não mais ostentando um corpo belo.

Mais uma vez, nesse conto, o espelho aparece como auxílio numa reflexão sobre a alteridade. No início do conto, Egg é, ainda, alguém que se constitui no outro, identifica-se com o outro. Sua beleza tem razão de existir porque é construída pelo outro. Em determinada passagem do texto, o narrador lembra que Egg, no passado, enxergava no outro o próprio outro. As mudanças em sua vida começam a ocorrer quando começa a enxergar no outro apenas a si próprio. A partir daí, a relação passa a ser, apenas, com os espelhos.

Exatamente aí, a questão da incompletude emerge mais uma vez. Mesmo com um salão forrado por espelhos, Egg percebe que não pode controlar-se no todo de sua exterioridade, que existem aspectos nele que só o outro controla. Mas, no momento em que tenta buscar o outro, vê que está só. A ausência do outro, no conto, acaba se configurando como a ausência do contato com o mundo através da linguagem.

<sup>1</sup> Referência a Narciso, personagem da mitologia grega que se apaixonou pela própria imagem refletida nas águas de uma fonte.

## *Considerações Finais*

Espera-se ter demonstrado, com este trabalho, um pouco da teoria do russo Mikhail Bakhtin e de seu Círculo de pesquisa com base em textos de Frei Betto que trazem o signo do espelho como proposta de reflexão sobre a alteridade. E, principalmente, que é por meio das relações sociais que os sentidos da linguagem se estabelecem. Ninguém é tão autossuficiente para fazer a enunciação brotar apenas da mente e determinar, sozinho, os efeitos de sua fala e escrita. Enunciar é como lançar iscas ao mar. Não sabemos que espécie de peixe irá mordê-la, se iremos conseguir tirá-lo da água. Antes disso, porém, precisamos torcer para que algum peixe a morda. Pode ser que ela volte intacta.

Recorrer a textos que falam de espelhos foi uma estratégia para tentar demonstrar que a forma com que nossa consciência se relaciona com nós mesmos e com os outros é baseada nas relações de que participamos ao longo da vida. A nossa própria imagem que vemos no espelho também é construção social, determinada pelo modo como valoramos o contato com o outro. Não é raro encontrar pessoas que ficam insatisfeitas ao olhar seu reflexo no espelho. Falam em fazer cirurgias plásticas ou dietas de emagrecimento. Ou ainda, aqueles, que mais que a expressão do rosto, conseguem enxergar seu interior e comentam: “Vejam lá no espelho o quanto sou feliz!”

A ausência do contato com o mundo é marcada pelo conto “Egg”, de Frei Betto, em que o personagem principal, ao voltar seus olhos e sua vida apenas para si próprio, faz com que os espelhos se dobrem e se quebrem sobre ele, rasgando sua pele e sua carne. Não há motivos para que os espelhos continuem inteiros, tendo em vista que Egg não evolui. Ele não se projeta no outro. Não mais se constitui no outro.

Por outro lado, a crítica autobiográfica “Por que escrevo” apresenta o espelho como um reflexo da relação eu-outro, de como é possível, por meio do diálogo, produzir escritores, intelectuais que provocam questionamentos sobre o mundo. Num sistema que prega a competição e o individualismo, como o capitalista, possamos ser um pouco mais bakhtinianos, conscientes de que somos o que somos em função das relações sociais com o outro. E, através dos jogos de linguagem, percebamos que a realidade é muito maior e mais complexa do que imaginamos. Extrapola os limites do eu. Por isso, para que mudanças significativas sejam promovidas no jeito de pensar e de agir da humanidade, é preciso estabelecer laços, completar-se no outro, unir-se ao outro, numa multidão de fios ideológicos.

## ***Referências***

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.
- \_\_\_\_\_. *Hacia una filosofia del acto ético*. Barcelona: Anthropos, 1997b.
- \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e estética*. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 1997c.
- BETTO, Frei. *Por que escrevo*. Disponível em: <<http://alainet.org/active/2580&lang=es>>. Acesso em: 3 fev. 2010.
- \_\_\_\_\_. *Treze contos diabólicos e um angélico*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- \_\_\_\_\_. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 37-60.
- MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 167-176.
- MORSON, Gary Saul; CARYL, Emerson. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

## ***Anexo***

### **Por que escrevo – Frei Betto**

Esta é uma pergunta que eu mesmo me faço. E para a qual não tenho resposta exclusiva; ou, como diria Descartes, clara e distinta. Escrevi 48 livros ao longo de 30 anos, fora aqueles nos quais participo como co-autor. Redijo de oito a dez artigos jornalísticos por mês. E... por que escrevo? Trago uma multiplicidade de hipóteses não excludentes.

Escrevo para construir minha própria identidade. Tivesse sido criado por lobos, será que eu me sentiria lobo no mundo? A identidade é também reflexo de um jogo de espelhos. Se pais e mestres me tivessem incutido que sou tapado para as letras, e não me restasse alternativa senão trabalhar no fundo de minas, talvez hoje - se houvesse sobrevivido - eu fosse um mineiro aposentado.

Minha experiência, porém, foi diferente. Os espelhos reluziram em outras direções. Já trazia em mim o fator filogenético. Meu pai escreve crônicas. Minha mãe publicou sete livros de culinária. O gato da casa não escreve; mas, pelo jeito, gosta de ler, a julgar pelo modo como se enrosca em jornais e revistas.

Veio, então, o fator ontogenético. Segundo ano primário, Grupo Escolar Barão do Rio Branco, Belo Horizonte. Dona Dercy Passos, que me ensinou o código alfabético, entra em classe sobraçando nossas redações. A professora indaga aos alunos: “Por que não fazem como o Carlos Alberto? Ele não pede aos pais para redigir suas composições”. (Bonito: composição. Promove a escrita em nível de arte poética e musical). A palavra elogiosa pinçou-me do anonimato, inflou o meu ego, trouxe-me um pouco mais de segurança na tarefa redacional.

Tornei-me ávido leitor. Monteiro Lobato, coleção “Terramar”, o Tesouro da Juventude. Não lia com a cabeça, e sim com os olhos. O texto se fazia espelho e eu via meu próprio rosto no lugar do perfil anônimo do autor. Mais do que o conteúdo, encantavam-me a sintaxe, o modo de construir uma oração, a força dos verbos, a riqueza das expressões, a magia de encontrar o vocábulo certo para o lugar exato.

Primeira série ginásial, colégio Dom Silvério, dos irmãos maristas, Belo Horizonte. Irmão José Henriques Pereira, professor de Português, aguarda-me à saída da aula. Chama-me à parte e sentencia: “Você só não será escritor se não quiser”.

Escrevo para lapidar esteticamente as estranhas forças que emanam do meu inconsciente. Aos poucos, fui descobrindo que nada me dá mais prazer na vida do que escrever. Condenado a fazê-lo, tiraria de letra a prisão perpétua, desde que pudesse produzir meus textos. Aos candidatos a escritor, aconselho este critério: se consegue ser feliz sem escrever, talvez sua vocação seja outra. Um verdadeiro escritor jamais será feliz fora deste ofício.

Escrevo para ser feliz. Bartheanamente, para ter prazer. Sabor do saber. Tanto que, uma vez publicado, o texto já não me pertence. É como um filho que atingiu a maturidade e saiu de casa. Já não tenho domínio sobre ele. Ao contrário, são os leitores que passam a ter domínio sobre o autor. Nesse sentido, toda escritura é uma oblação, algo que se oferta aos outros. Oferenda narcísica de quem busca superar a devastação da morte. O texto eterniza o seu autor.

Escrevo também para sublimar minha pulsão e dar forma e voz à babel que me povoa interiormente. A literatura é o avesso da psicanálise. Quem vai para o divã é o leitor-analista. Deitado ou recostado, ouve nossas confidências, decifra nossos sonhos,

desenha nosso perfil, apreende nossos anjos e demônios. Por isso, assim como os psicanalistas evitam relações de amizade com seus pacientes, prefiro manter-me distante dos leitores. Não sou a obra que faço. Ela é melhor e maior do que eu. No entanto, revela-me com uma transparência que jamais alcanço na conversa pessoal. Tenho medo do olhar canibal dos leitores, como se a minha pessoa pudesse corresponder às fantasias que forjam a partir da leitura de meus textos. Tenho medo também de minha própria fragilidade.

O texto tece o tecido de minha couraça. Com ele me visto, nele me abrijo e agasalho. É o meu ninho encantado. Privilegiado belvedere do qual contemplo o mundo. Dali posso ajustar as lentes do código alfabético para falar de religião e política, de arte e ciências, de amor e dor. Recrio o mundo. Por isso, escrever exige certo distanciamento.

Deveria haver mosteiros nas montanhas onde os escritores pudessem se refugiar para criar. Não posso exercer meu ofício têxtil cercado de interrupções, como telefonemas, idas e vindas, reuniões etc. Retiro-me para fazê-lo. Concordo com João Ubaldo Ribeiro quando ele afirma: “Escrever, para mim, é um ato íntimo, tão íntimo que não acerto escrever na frente de ninguém, a não ser em redação de jornal, que é como sauna, onde todo mundo está nu e não repara a nudez alheia” (Folha de S. Paulo 19/4/92).

“No princípio era o Verbo...”, proclama o prólogo do evangelho de João. No fim também o será. Verbo que se faz carne e cerne e, ainda assim, permanece impronunciável. Inominável. A palavra lavra e semeia, mas seus frutos nunca são inteiramente palatáveis. Polissêmico, verbo é mistério.

“Escrevo por vaidade”, confessava o poeta Augusto Frederico Schmidt. Em geral, os escritores são insuportavelmente vaidosos. Tanto que chegam a criar academias literárias para se autoconcederem o título de “imortais”. Ali, a maioria sobrevive às próprias obras. Qual o autor que não atribui ao que escreve uma importância superlativa? Se o livro não vira best-seller e não é elogiado pela crítica, o autor culpa o editor, a distribuidora, o preconceito da mídia, as “panelinhas” literárias das metrópoles.

Ora, alguém conhece uma obra de indiscutível valor literário que tenha sido olvidada por ter sido impressa na gráfica do município de Caixa Prego? O que tem valor, cedo ou tarde, se impõe. O que não tem, ainda que catapultado às alturas pelos novos e milionários recursos mercadológicos, não perdura. O bom texto é aquele que deixa saudade na boca da alma. Vontade de lê-lo de novo.

Todo texto, entretanto, depende do contexto. Por isso, dois leitores têm diferentes apreciações do mesmo livro. Cada um lê a partir de seu contexto. A cabeça pensa onde

os pés pisam. O contexto fornece a ótica que penetra mais ou menos na riqueza do texto. Um alemão tem mais condições de usufruir Goethe do que um brasileiro. Este, por sua vez, ganha do alemão na incursão pelos grandes sertões e veredas de Guimarães Rosa. De meu contexto leio o texto e extraio, para a minha vida, o pretexto.

Escrevo em computador. Quando busco um tratamento estético mais apurado, faço-o a mão. Hemingway escrevia de pé. Kipling, com tinta preta, em blocos de folhas azuis com margens brancas, feitos especialmente para ele. Henry James fazia esboço de cena por cena antes de iniciar um romance. Faulkner dizia “ouvir vozes”. Dorothy Parker confessava: “Não consigo escrever cinco palavras sem que modifique sete”. Escrever é cortar palavras e modificar frases.

Escrevo para assegurar o meu sustento, que não vem do maná do Céu nem da Igreja, graças a Deus. Livro dá dinheiro como a loto: para uns poucos. Neste país de analfabetos, onde os alfabetizados não têm o hábito de leitura, e as pequenas tiragens editoriais encarecem o custo do produto, viver de direitos autorais é privilégio de uma Ruth Rocha e de um Paulo Coelho. Meu também, guardadas as proporções. Porque tenho muitos livros, destinados a diferentes segmentos de leitores e, como religioso e celibatário, um custo de vida relativamente reduzido. Tivesse família, seria difícil viver dos direitos autorais.

Escrevo, enfim, para extravasar meu “sentimento de mundo”, na expressão do escritor Carlos Drummond de Andrade. Tentar dizer o indizível, descrever o mistério e exercer, como artista, minha vocação de clone de Deus. Só sei dizer o mundo através das palavras. Só sei apreender este peixe sutil e indomável - o real - através da escrita. É minha forma de oração.

Talvez, pela mesma razão, Deus tenha preferido a literatura para se expressar. Podia tê-lo feito pela pintura ou pela escultura. Podia ter esperado o cinema, a fotografia, a TV ou a cibernética. Não, escolheu o texto, a Bíblia.

Homem de fé, escrevo porque há algo de divino nesse ofício que desce às profundências do humano, tornando-as transcendentais.

Escrevo, enfim, porque não sei fazer outra coisa nem vejo motivo para deixar de fazê-lo.

Ainda assim, prossigo me perguntando: por que escrevo? E tenho ânsias de confessar que, no fundo, é para impedir que se cure a loucura que, por trás dessa aparente normalidade, faz de mim um homem embriagadoramente alucinado.

*Artigo recebido em: 11 fev. 2010*

*Aceito em: 14 dez. 2010*

